

## AS EPÍSTOLAS DE CÍCERO NO EXÍLIO COMO NARRATIVA DE SEU *DESCENSUS*

### RESUMO

Cícero, além de um dos grandes autores da vasta literatura latina, foi importante ator político em uma das épocas cruciais da história de Roma. E como um dos mais importantes homens de seu tempo, obteve sucessos bem como decepções, como o triste momento do autoexílio em 58 a.C., período em que sofreu perseguições, perdeu a liberdade e bens. O presente artigo faz leitura desse período vivido por Cícero e associa esse tempo à denominada catábase, aqui lida de forma metafórica, em que o sair da própria pátria apresenta significações tão intensas quanto o *descensus* ao mundo inferior.

**Palavras-chave:** Cícero. Roma antiga. Exílio. *Descensus*.

## THE CICERO'S EPISTLES IN EXILE AS A NARRATIVE OF HIS *DESCENSUS*

### Abstract

Cicero, besides being one of the greatest authors of the vast Latin literature, was an important political actor in one of the crucial periods in the history of Rome. And as one of the greatest mens of his time, he achieved successes as well as disappointments, such as the sad moment of self-exile in 58 B.C., a period he suffered persecution, lost his freedom and properties. The present article shows the period lived by Cicero and associates this time with the so-called catabasis, interpreted in a metaphorical way, in which leaving Rome itself has meanings as intense as *descensus* to the underworld.

**Keywords:** Cicero. Ancient Rome. Exile. *Descensus*

## LAS EPISTOLAS DE CICERÓN EN EL EXILIO COMO NARRATIVA DE SU *DESCENSUS*

### Resumen

Cicerón, además de ser uno de los grandes autores de la vasta literatura latina, fue un importante actor político en uno de los períodos cruciales de la historia de Roma. Y como uno de los hombres más importantes de su tiempo, logró tanto éxitos como decepciones, como el triste momento del autoexilio en el 58 a.C., período en el que sufrió persecución, perdió su libertad y su propiedad. El presente artículo lee de este período vivido por Cicerón y asocia este tiempo con la llamada catabasis, aquí leída de manera metafórica, en la que salir de la ciudad tiene significados tan intensos como *descensus* al inframundo.

**Palabras-clave:** Cicerón. Roma Antigua. Exilio. *Descensus*

O presente artigo tem por objetivo focalizar o período histórico romano compreendido entre 63 e 57 a.C., mais especificamente Cícero e parte de seu epistolário. Não só para o espaço temporal que recortamos, mas para a compreensão e conhecimento de variados eventos romanos, as cartas de Cícero são fundamentais porque nos fornecem dados, talvez, como nenhuma outra fonte da história de Roma, visto que elas abarcam o intervalo de 62 a 43 a.C., período crucial da romanidade. Revelam, com muitas evidências, como alianças, negócios e acordos eram conduzidos pelos homens que detinham o poder em Roma. Além disso, e importante para nosso artigo, as epístolas nos revelam informações também sobre seu autor, protagonista com grande atuação nesse período de final da República. Impregnadas de aspectos literários, as cartas do arpinate não deixam de trazer muitas vezes o tom espontâneo e direto, de se apresentarem como uma conversa entre pessoas de fato distanciadas uma da outra. São mais de 80 destinatários diferentes e os mais variados temas, e refletem muitas vezes o *ethos* de seu autor, como quando Quinto, irmão de Cícero, escreve para ele em maio de 53 e afirma *te totum in litteris uidi* (te vi por completo nesta carta)<sup>1</sup>. Como supracitado, para nosso artigo, interessa-nos sobretudo o período de 63 a 57 a.C., recorte temporal em que Cícero teve embate político que o levou ao autoexílio, aqui utilizado como base para nossas conjecturas a respeito do *descensus* de Cícero.

Assim como os personagens da literatura greco-romana, principalmente os dos textos épicos, enfrentam provações, superam obstáculos e como parte dessas tribulações descem ao mundo inferior – o que se denomina de *catábase* –, também se pode vislumbrar algo similar ocorrido com Cícero nos meandros políticos em Roma, com as ações políticas a partir de Catilina que resultam na queda de Cícero, culminando seu *descensus* no autoexílio em 58 a.C. O afastar-se da vida política e social de Roma, tendo em vista um romano como Cícero, equivaleria a algo como a morte em vida. Paralelo a isso, o que também nos faz trazer à baila o recurso da *catábase* ou do *descensus* é que se pode evidenciar a construção retórica que Cícero emprega em seus variados textos e, em especial para nosso artigo, em suas cartas, construção que se utiliza desse reco-

nhecido *topos* da tradição literária, que diz respeito ao desejo de superação da finitude humana, ao confronto do homem com sua própria fraqueza e condição, ao temor do esfacelamento da própria existência. A *catábase*, dessa maneira, se apresenta em Cícero por meio da representação de um mundo que desmorona com o seu próprio exílio, com o sofrimento do arpinate por não estar em Roma. Como escreve Eudoro de Sousa, “Para mim, inferno é não haver lugar, é sentimento de não havê-lo onde estou, quando sou outro que não era. Inferno é ser obrigado a viver a vida alheia, em lugar que o não é, por sê-lo de todos e de ninguém” (SOUSA, 1995, p. 25-26), afirmação essa que corrobora a escrita de exílio de Cícero, que faz equivaler assim seu banimento como um *descensus* e como um não-lugar. Calvo (CALVO, 2000, p. 67) define *catábase* como uma espécie de “violação transitória das leis do tempo e do espaço para descer ao mundo inferior durante a vida”, e no caso de nosso artigo essa violação transitória equivale à interrupção da carreira de Cícero, bem como o mundo inferior do conceito é associado ao período em que esteve fora de Roma e exilado. Outro ponto que está na base do conceito de *catábase* é que essa trajetória ao mundo inferior – para este artigo o equivalente ao exílio – é feita por alguém extraordinário e que tem o propósito claro de retornar ao ponto anterior à descida, retorno que Cícero demonstra buscar a todo momento em suas epístolas de exílio.

Dessa forma, então, há, no presente artigo, a ideia de apresentar os acontecimentos que levaram à queda de Cícero e ao seu conseqüente exílio em 58. Objetiva-se trazer ao leitor esse percurso do arpinate por meio, principalmente, de suas cartas, trocadas com Ático e com seus familiares. Dessa maneira, não se trata aqui de uma descida, digamos, literal, ao mundo inferior, mas sim de levantar e apresentar aspectos da queda de Cícero e seu autoexílio em 58 a.C. como ação análoga à *catábase*. Em *What is a Katábasis? The Descent into the Netherworld in Greece and the Ancient Near East*, por exemplo, Bernabé discorre sobre a *catábase* e seus conceitos e aponta a relação que pode existir entre esse recurso não como descida literal ao inferno, mas como uma viagem a espaços remotos, como uma jornada fabulosa. Herrero (HERRERO, 2011, p. 37-68), por

exemplo, articula em seu texto que a ida de Príamo ao encontro de Aquiles em sua tenda guarda similaridade a uma viagem ao Hades, trajeto repleto de sofrimento.

Sobre Cícero, nasceu em Arpino, a sudeste de Roma, e menino ainda foi levado para Roma, onde começou sua aprendizagem com os mais importantes oradores da época. Desse autor há muitos dados biográficos, vários deixados por ele mesmo, e para objetivo de nosso artigo, dedicaremos maior espaço para os acontecimentos da década de 60 e 50 antes de Cristo, quando o arpinate já atuava na política romana. Em 65 há a campanha eleitoral para o consulado, vencida por Cícero e por Caio Antônio. Entre os concorrentes estava Catilina, romano que está na origem do exílio de nosso autor, exílio esse que, como dito, tratamos aqui como a metáfora do *descensus*, uma vez que para Cícero essa queda parece ter sido equivalente a uma das mais penosas agruras sofridas. Catilina e mais alguns outros fizeram uma conjuração com vistas à tomada do poder. Cônsul ativo contra Catilina, Cícero nos deixou as Catilinárias, discursos veementes em que defendeu a República. A repressão a essa conjura chegou a apreender bens de pessoas política e socialmente poderosas em Roma – entre eles Públio Cornélio Lêntulo –, e outros romanos foram executadas sem seguir as regras dos procedimentos jurídicos.

Até então, Cícero não havia tido muitos dissabores em sua carreira, o que pode talvez corroborar para que se fale em um homem ainda inexperiente nos meandros políticos. No final de 63, Quinto Metelo torna-se tribuno e continua uma ofensiva política contra Cícero, iniciada quando ainda não estava exercendo esse cargo. Dessa forma, o arpinate não consegue levar a efeito a aprovação de Pompeu para castigar os cúmplices de Catilina. Como consequência, Cícero foi acusado de forma aberta de ter levado cidadãos romanos à morte. Os ataques de Metelo continuaram em 62, mesmo Cícero recebendo apoio de Catão na assembleia popular.

Em meio a isso tudo, ocorriam as ações de César e de Pompeu, aliados, mas cada um com suas estratégias de poder. Ao norte da Itália, Catilina e sua conjura-

ção davam seus últimos passos, relatados assim por Salústio<sup>2</sup>:

Quando Petreio vê – contra suas previsões – que Catilina ataca com grande violência, lança uma coorte pretoriana no meio do inimigo e semeando a desordem, mata-os a eles e aos que, dispersos, resistiam. Mânlio e o oficial de Fésulas morrem combatendo nas primeiras fileiras. Catilina, quando vê sua tropa em debandada e que lhe restam em volta apenas alguns companheiros, lembrando-se de sua origem e honra passada, atira-se contra o grupo mais cerrado do inimigo e aí, lutando, é coberto de golpes.

*Petreius ubi uidet Catilinam, contra ac ratus erat, magna ui tendere, cohortem praetoriam in medios hostis inducit eosque perturbatos atque alios alibi resistentis interficit. Manlius et Faesulanus in primis pugnantes cadunt. Catilina postquam fusas copias seque cum paucis relictum uidet, memor generis atque pristinae suae dignitatis in confertissimos hostis incurrit ibique pugnant confoditur.*

Após esses acontecimentos, houve relativa tranquilidade no restante do ano 62, apesar de que o próprio Cícero, sabedor de que não desfrutava do mesmo prestígio de quando exercera o consulado, envia carta a Pompeu, em resposta a uma outra enviada por este: *Ad me autem litteras quas misisti, quamquam exiguum significationem tuae erga me uoluntatis habebant, tamen mihi scito iucundas fuisse; nulla enim re tam laetari soleo quam meorum officiorum conscientia, quibus si quando non mutue respondetur, apud me plus officii residere facillime patior* (Em relação, todavia, à carta que me enviaste, ainda que possua pequeno sinal de aprovação de tua boa vontade para comigo, sabe tu contudo ela ter sido agradável para mim. Com efeito, não costumo me alegrar de nenhuma coisa tanto quanto da consciência de meus deveres, dos quais de forma recíproca se alguma vez não se tem reconhecimento, consinto prontamente diminuir mais meus deveres).<sup>3</sup> Na sequência, em fins de 62, a história relata o conhecido episódio de Públio Clódio, um dos companheiros de Catilina,

que entrou disfarçado de tocadora de cítara na casa de César para assistir às oferendas à Boa Deusa, celebração exclusiva para mulheres. O caso foi levado ao senado em janeiro de 61 e ali se realizaram grandes discussões a respeito desse fato. De início, Cícero envia duas cartas para Ático, uma em 1º de janeiro de 61 em que expressa *P. Clodium, Appi f., credo te audisse cum ueste muliebri deprehensum domi C. Caesaris, cum pro populo fieret, eumque per manus seruulae seruatum et eductum; rem esse insigni infamia* (Creio tu teres ouvido Públio Clódio, filho de Ápio, ter sido apanhado em flagrante com roupas de mulher em casa de Caio César, quando acontecia cerimônia oficial, e ele ter sido salvo e retirado dali pelas mãos de uma escrava)<sup>4</sup> e a outra epístola em 25 desse mesmo mês, e nessa última assim comenta esse acontecimento:

Creio tu teres ouvido, quando em casa de César acontecia cerimônia oficial, ter-se apresentado ali um homem com roupas de mulher, e como as mulheres tivessem recomeçado esse sacrifício, essa moção foi tratada no senado por Quinto Cornifício (ele foi o primeiro, para que não penses ter sido algum dos nossos) (...). Os bons homens são afastados da causa devido às súplicas de Clódio, estabelecem-se os trabalhos e nós mesmos, ainda que tivéssemos sido em princípio um Licurgo, suavizamo-nos diariamente. Catão insiste e pressiona. Que mais? Temo que este assunto, negligenciado pelos bons, defendido pelos desonestos, seja causa de grandes males para a república.

*Credo enim te audisse, cum apud Caesarem pro populo fieret, uenisse eo muliebri uestitu uirum, idque sacrificium cum uirgines instaurassent, mentionem a Q. Cornificio in senatu tactam (is fuit princeps, ne tu forte aliquem nostrum putes) (...). Boni uiri precibus Clodi remouentur a causa, operae comparantur, nosmet ipsi, qui Lycurgei a principio fuissimus, cotidie demitigamur, instat et urget Cato. Quid multa? Vereor, ne haec neglecta a bonis, defensa ab improbis magnorum rei publicae malorum causa sit.*<sup>5</sup>

Nesse fragmento selecionado, Cícero deixa claro que não está totalmente envolvido com o caso e aponta também não ser um Licurgo, referência ao legislador ateniense conhecido por sua severidade e rigidez. Em maio desse ano Clódio informou ao senado que não estava em Roma no dia de tal celebração, o que levou Cícero a testemunhar de forma mais incisiva, ao afirmar ter-se encontrado com Clódio no dia da citada celebração, contradizendo assim o que Clódio havia falado. Mesmo com essa declaração de Cícero, o resultado do senado foi a absolvição por 31 votos a favor de Clódio contra 25, o que gerou grande indignação do arpinate, exposta, por exemplo, na carta 16 do livro I, enviada a Ático no início de julho: *itaque, si causam quaeris absolutionis (...), egestas iudicium fuit et turpitudine* (e dessa forma, se desejas saber a causa da absolvição, foi a pobreza e a indignidade dos juízes). Ou ainda, na mesma carta, quando diz *Rei publicae statum illum (...), elapsum (...), esse de manibus uno hoc iudicio* (a estabilidade da República ter escorrido das mãos devido a um único processo). Com este último trecho já se apontam elementos daquilo que é o ponto central de nosso artigo, a saber, a queda, ou *descensus*; entretanto, isso que Cícero afirma – a estabilidade escorrer entre as mãos – é uma imagem que aponta, sem dúvida, para o início da ruína dele próprio, num jogo retórico de ele mesmo considerar-se equivalente à República.

De 61 a 58 houve vários acontecimentos em Roma, como, por exemplo, a volta de César à cidade em fins de 60 e a formação do primeiro triunvirato com Pompeu, Crasso e César. E um dos pontos mais importantes para esta nossa análise é a chegada de Clódio ao poder, ao tribunado, eleito em outubro de 59. À parte a correspondência de Cícero, que dá notícias disso, Suetônio também registra esse fato em *Os doze Césares*. Após César ser eleito cônsul, diz o historiador que *Cicerone in iudicio quodam deplorante temporum statum Publium Clodium inimicum eius, frustra iam pridem a patribus ad plebem transire nitentem, eodem die horaque nona transduxit* (enquanto Cícero lamentava a condição dos tempos presentes em um discurso, nesse dia e à nona hora César fez passar Públio Clódio, inimigo de Cícero, da classe dos patrícios para a da plebe, desde há muito Clódio em vão esforçando-se para mudar de classe)<sup>6</sup>. Dessa maneira, então,

consideramos aí mais uma peça para compor esse intrincado percurso da queda de Cícero.

Em suas movimentações iniciais no seu tribunado, Clódio apresentou 4 projetos de lei que logo foram aprovados. Depois, em fins de janeiro ou início de fevereiro de 58, propôs novos projetos e um deles atingia diretamente Cícero, pois se tratava do desterro de magistrados envolvidos na execução, sem o devido juízo, de cidadãos romanos. Abalado, Cícero busca apoio de Pisão e de Pompeu, recebe a negativa de ambos e acaba por constatar o abandono e de como estava vulnerável às investidas de Clódio. Aqueles que eram próximos de Cícero o aconselharam a sair de Roma de forma voluntária, conselho reforçado por Catão depois que partidários de Cícero foram atacados por companheiros de Clódio. Como registra a história, o arpinate saiu de Roma antes da aprovação de outra lei proposta por Clódio que tinha como alvo direto nosso autor, a *Lex Clodia de capite ciuis Romani*, que condenava ao desterro e ao confisco de bens a todos os que haviam feito executar sem o devido juízo cidadãos romanos, como, por exemplo, Cícero, que em seu consulado determinara a execução dos cúmplices de Catilina. Dessa forma, então, o exílio torna-se a saída para que não se sofram consequência mais graves visto que, no dia em que se aprovou tal lei, a casa de Cícero foi destruída e suas vilas foram saqueadas, entendendo-se assim que se interditaram ao arpinate os seus bens e direitos. Com requinte de ironia, Clódio teve a pretensão de construir um templo dedicado à liberdade no lugar da casa destruída. Em 22 de março de 58, a caminho do exílio, Cícero escreve a Ático a seguinte carta:

Não só antes pensava importar muito tu estares conosco em nossos assuntos, mas também – como li o projeto de lei – compreendi para este caminho que decidi tomar nada poder ser mais desejado para mim do que tu me seguires o quanto antes para que, uma vez que tenhamos partido da Itália, ou se for para fazer o caminho pelo Epiro, que nos utilizemos da tua proteção e da dos teus, ou se for para pleitear alguma outra coisa,

que possamos nos apoderar do indiscutível conselho de teu pensamento. Por causa dessa situação te rogo que ponhas empenho para que sem demora me alcances; porque para lá podes ir, visto que foi aprovada a lei sobre a província da Macedônia. Trataria contigo com muitas palavras se a própria situação não falasse por mim junto a ti.

Cum antea maxime nostra interesse arbitraber te esse nobiscum, tum vero, ut legi rogationem, intellexi ad iter id quod constitui nihil mihi optatius cadere posse quam ut tu me quam primum consequerere, ut, cum ex Italia profecti essemus, sive per Epirum iter esset faciendum, tuo tuorumque praesidio uteremur, sive aliud quid agendum esset, certum consilium de tua sententia capere possemus. quam ob rem te oro des operam ut me statim consequare; quod eo facilius potes quoniam de provincia Macedonia perlata lex est. pluribus verbis tecum agerem nisi pro me apud te res ipsa loqueretur.<sup>7</sup>

Pode-se ver, assim, que a saída de Cícero é tida por ele como uma espécie de sacrifício, como em uma consideração total em prol da República, renunciando também a seus bens ou sendo excluído deles. Bem depois de seu exílio, por volta de 46, quando escreve os *Paradoxa stoicorum*, Cícero vai afirmar que *mors terribilis est iis quorum cum uita omnia exstinguuntur, non iis quorum laus emori non potest; exilium autem iis quibus quasi circumscriptus est habitandi locus, non iis qui omnem orbem terrarum unam urbem ducunt* (a morte é terrível para aqueles a quem tudo morre juntamente com a própria vida, não para aqueles cuja fama não se pode apagar; o exílio, todavia, é terrível para aqueles a quem o lugar de morar foi, por assim dizer, impedido, não para aqueles que consideram todo o orbe da terra uma única cidade), referindo-se ao seu exílio em 58 e também à ideia de que não há lugar ruim para o sábio, visto que uma cidade que se priva de suas leis é lugar que foi tomado por desonrados e que, portanto, não mais existe. Escreve isso numa tentativa, talvez, de amenizar a dor do exílio e de demonstrar que qualquer lugar pode se tornar lugar de morada para o sábio.

Entretanto, em sua jornada no exílio, Cícero vai-nos revelar facetas antes inimagináveis de serem identificadas em seus tratados filosóficos, como a falta de coragem, a indecisão, a grande desorientação, enfim, perturbações que colocam em evidência um outro romano, diferente, como dissemos, daquele apresentado nos textos dos tratados, perturbações que evidenciam a gradação de fato descendente em direção à ruína. Em carta de 29 de novembro de 58, por exemplo, diz à esposa Terência e aos filhos: *Accepi ab Aristocrito tres epistolas, quas ego lacrimis prope deleui. Conficior enim maerore, mea Terentia, nec meae me miseriae magis excruciant quam tuae uestraeque. Ego autem hoc miserior sum quam tu, quae es miserrima, quod ipsa calamitas communis est utriusque nostrum, sed culpa mea propria est* (recebi de Aristócrito três cartas, que eu quase apaguei com as lágrimas. Sou, com efeito, consumido por grande tristeza, minha Terência, nem meus infortúnios me atormentam mais que os teus e os vossos. Eu, todavia, sou mais infeliz nisso do que tu, que és a mais infeliz porque o próprio desastre é comum a nós ambos, mas a culpa pertence a mim).

Embora tenha decidido se exilar, essa expatriação não deixa de ser para Cícero um cruel castigo e, pior, é uma exclusão que se assemelha a uma morte política. Cícero expressa em suas cartas grande dor, e isso ressalta mais ainda – e também devido ao gênero de discurso utilizado – o envolvimento com o destinatário e consequentemente com os leitores. Essa escrita epistolar, portanto, revela o sofrimento que perpassa o orador, sofrimento expresso que amplifica a paixão de suas palavras. Em uma carta a Ático, bem depois desses acontecimentos, em agosto de 51, quando estava em Laodiceia, resume a ideia de estar afastado de Roma: *denique haec non desidero, lucem, forum, urbem, domum, vos desidero. sed feram ut potero, sit modo annuum. si prorogatur, actum est* (enfim, não sinto saudades dessas coisas, sinto saudades da luz, do foro, da cidade, da casa, de vós. Mas suportarei isso como puder, e que seja apenas um ano)<sup>8</sup>. Esse afastar-se de Roma foi devido ao proconsulado exercido na Cilícia, ou seja, em função política e aí já se percebe o quão difícil era para ele estar ausente de Roma. Com isso, pode-se divisar, mesmo que se observe uma construção retórica, as agruras

sofridas em outro trecho de carta enviado ao mesmo Ático em 58, portanto, em pleno exílio: *me ita dolere ut non modo a mente non deserar sed id ipsum doleam, me tam firma mente ubi utar et quibuscum non habere* (sofro de tal maneira que não apenas não seja abandonado pela faculdade mental, como eu sofra isto mesmo: não ter onde utilizar tão resistente disposição da mente e com quem quer que seja).<sup>9</sup> Sentencia nosso autor nesse trecho que o sofrimento é maior ainda porque está consciente de seus pensamentos e de seu raciocínio, portanto lúcido em relação àquilo que perdeu e em relação à dureza do exílio.

A catábase ou *descensus*, dessa maneira, se apresenta em Cícero pela via da representação de um mundo caído com o seu próprio banimento, com o sofrimento do arpinate por não estar presente em Roma e não participar daquilo que acontece ali. Vislumbra-se o *descensus* de Cícero por meio daquilo que representa de fato a ruína dele, a saber, o seu afastamento de bens que, para ele, têm valor inestimável, como o prestígio político, a vida social na própria Roma, a presença ativa no senado, seus amigos e familiares, dados explicitados em carta a Ático (III, 10, 2) em que por meio de perguntas retóricas questiona *ecquod tantum malum est quod in mea calamitate non sit?* (há algum mal tão grande que não seja parte de minha desgraça?) e ainda *possum obliuisci qui fuerim, non sentire qui sim, quo caream honore, qua gloria, quibus liberis, quibus fortunis, quo fratre?* (posso esquecer quem fui, não sentir o que eu seria, da honra que eu não tenha, da glória, dos filhos, da felicidade, do irmão?). Além disso, o próprio Cícero expressa nas *Tusculanae Disputationes* o mal que alguém sofre no exílio: *Contempto igitur honore, contempla etiam pecunia quid relinquitur quod extimescendum sit? Exilium, credo, quod in maxumis malis ducitur* (portanto, uma vez desprezada a glória e menosprezado também o dinheiro, o que resta que deva ser temido? O exílio, creio, porque se é levado a males muito grandes)<sup>10</sup>.

A título de fechamento de nosso texto, abaixo a carta que enviou à esposa e aos filhos em 5 de outubro de 58:

1 Não penses eu escrever cartas mais extensas para alguém, a não ser que esse alguém tenha

escrito para mim muito mais, a quem penso ser necessário ser respondido. Nem, com efeito, tenho o que escrever e neste momento não faço algo de forma mais difícil. Para ti, na verdade, e para a nossa Tuliola não sou capaz de escrever sem uma grande quantidade de lágrimas. Percebo, com efeito, que vós estais muito tristes, vós a quem eu sempre desejei serdes as mais bem-aventuradas, e a quem tive a obrigação de garantir isso e, se não tivéssemos sido tão tímidos, teria garantido.

**2** Tenho muita afeição pelo nosso Pisão e isso devido à conduta dele. A ele, como eu pude, encorajei-o por meio de carta e lhe agradeci, como eu tinha a obrigação. Sobre os novos tribunos da plebe, compreendo teres tu esperanças. Isso estará seguro se a vontade de Pompeu existir; mas, por outro lado, temo Crasso. Por ti, por exemplo, vejo todas as coisas serem feitas de forma muito corajosa e amorosa, e isso não me surpreende, mas me aflijo com essa situação de tal maneira que as minhas desventuras sejam pequenas em relação aos teus sofrimentos. Pois Públio Valério, homem justo, me escreveu – e o que escreveu li com muitas lágrimas –, dizendo de que modo foste tu conduzida do templo de Vesta para a tábua Valéria. Ai, minha luz, minha ternura, a quem todos costumavam pedir auxílio! Agora, minha Terência, tu seres assim maltratada, estares assim abatida entre lágrimas e humilhação, e isso acontecer por minha culpa, eu que salvei outros para que fôssemos levados à ruína!

**3** Quanto ao que escreves a respeito da casa, ou melhor, a respeito da área da casa, na verdade eu me considerarei então por fim restituído caso ela nos seja restituída. Contudo essas situações não estão em nossa mão; devendo existir gastos, sofro esta dor: chegar uma parte dessa despesa para ti, infeliz e espoliada. Porque, se esse assunto chega ao fim, conseguiremos todas as coisas; em caso contrário, se a própria fortuna nos vencer, tu mesma, infeliz, também jogarás fora os teus bens restantes? Te suplico,

minha vida, no que se refere à despesa, deixa outros que podem, se todavia desejarem, fazerem frente a esses gastos e não maltrates, se me amas, esta tua debilitada saúde. Pois, para mim, tu te encontras diante de meus olhos dia e noite; vejo enfrentares todos os labores; temo que não suportes. Percebo, no entanto, todas as coisas passarem por ti. Portanto, quanto a isso, aquilo de que tens tu esperanças, aquilo de que te ocupas, que consigamos atingi-las; cuida do teu bem-estar.

**4** Desconheço para quem eu escreverei, a não ser para aqueles que me escrevem, ou para aqueles a respeito dos quais vós escreveis alguma coisa para mim. Não me alongarei mais, ainda que seja assim agradável a vós; que eu deseje, entretanto, que vós envieis cartas da forma a mais frequente possível, sobretudo se há alguma coisa mais segura com a qual contamos. Adeus, meus queridos, adeus.

**1** Noli putare me ad quemquam longiores epistulas scribere, nisi si quis ad me plura scripsit, cui puto rescribi oportere. Nec enim habeo quid scribam, nec hoc tempore quicquam difficilium facio. Ad te uero et ad nostram Tulliolam non queo sine plurimis lacrimis scribere. Vos enim uideo esse miserimas, quas ego beatissimas semper esse uolui, idque praestare debui et, nisi tam timidi fuissetis, praestitissetis.

**2** Pisonem nostrum merito eius amo plurimum. Eum, ut potui, per litteras cohortatus sum gratiasque egi, ut debui. In nouis tribunis plebis intellego spem te habere. Id erit firmum, si Pompei uoluntas erit; sed Crassum tamen metuo. A te quidem omnia fieri fortissime et amantissime uideo nec miror, sed maereo casum eius modi, ut tantis tuis miseriis meae miseriae subleuentur. Nam ad me P. Valerius, homo officiosus, scripsit, id quod ego maximo cum fletu legi, quem ad modum a Vestae ad tabulam Valeriam ducta esses. Hem, mea lux, meum desiderium, unde omnes opem petere solebant! te nunc, mea Terentia, sic uexari, sic iacere in lacrimis et sordibus, idque fieri mea

culpa, qui ceteros seruauit, ut nos periremus!  
 3 Quod de domo scribis, hoc est de area, ego uero tum denique mihi uidebor restitutus, si illa nobis erit restituta. Verum haec non sunt in nostra manu; illud doleo, quae impensa facienda est, in eius partem te miseram et despoliatam uenire. Quodsi conficitur negotium, omnia consequemur; sin eadem nos fortuna premet, etiamne reliquias tuas misera proiciet? Obsecro te, mea uita, quod ad sumptum attinet, sine alios, qui possunt, si modo uolunt, sustinere et ualetudinem istam infirmam, si me amas, noli uexare. Nam mihi ante oculos dies noctesque uersaris; omnes labores te excipere uideo; timeo, ut sustineas. Sed uideo in te esse omnia. Quare, ut id, quod speras et quod agis, consequamur, serui ualetudini. 4 Ego ad quos scribam, nescio, nisi ad eos, qui ad me scribunt, aut ad eos, de quibus ad me uos aliquid scribitis. Longius, quoniam ita uobis placet, non discedam; sed uelim quam saepissime litteras mittatis, praesertim si quid est firmitus, quod speremus. Valet, mea desideria, valet, D. a. d. III. Non. Oct. Thessalonica.

Nesta carta (livro XIV, 2), pode-se trazer aos olhos do leitor um compilado de elementos que corroboram o *descensus* do arpinate. Mesmo que ele não deixe de utilizar variados recursos retóricos, como por exemplo em “Noli putare me ad quemquam longiores epistulas *scribere*, nisi si quis ad me plura *scripsit*, cui puto *rescribi* oportere. Nec enim habeo quid *scribam* ...”, expressa todas as agruras do exílio, entre elas a decepção com os acontecimentos que o levam a dizer que não tem o que escrever e, quando o faz, é algo muito difícil. Também está presente o sofrimento de estar afastado da família e o pesar que sente em relação à ausência, principalmente, da filha, bem como expressa o desgosto oriundo daquilo que passa Terência, sobretudo porque foi levada para a tábua Valéria, em uma espécie de condução coercitiva para prestar esclarecimentos, o que foi considerado cruel humilhação. Em relação à esposa, ainda deixa evidente a tristeza pelas dificuldades que ela tem acerca dos gastos e despesas. Por fim, emite a consternação sofrida pela destruição da sua casa em Roma.

Após essa queda, em agosto de 57 Cícero retorna a Roma com seus direitos devidamente restabelecidos pelo senado. Segundo historiadores, a volta foi triunfal. Depois de todas essas atribuições vividas por Cícero, numa referência a esses acontecimentos, Virgílio deixa inscrito na Eneida o resultado disso para Catilina, o romano que está nas origens do *descensus* do arpinate e que pegou em armas contra a Roma: *Hinc procul addit/ Tartareas etiam sedes, alta ostia Ditis,/ et scelerum poenas et te, Catilina, minaci/ pendentem scopolu Furiarumque ora trementem* (Mais longe as moradas/ do negro Tártaro avistam-se, as bocas horrendas de Dite,/ bem como as penas dos crimes, e tu, Catilina, suspenso/ de um pavoroso penedo e a tremer da caranca das Fúrias)<sup>11</sup>.

## REFERÊNCIAS

- ALFÖDY, Géza. *A História Social de Roma*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Trad. de Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- AULO GÉLIO. *Noites Áticas*. Tradução de José Rodrigues Seabra Filho. Londrina: Eduel, 2010.
- BACON, Francis. *A sabedoria dos antigos*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- BAUMAN, Richard A. *Crime and punishment in ancient Rome*. London: Routledge, 1996.
- BERNABÉ, Alberto. *WHAT IS A KATÁBASIS? The Descent into the Netherworld in Greece and the Ancient Near East*. In: *Les Études classiques* 83 (2015), p. 15-34.
- CALVO, J. L. The Katábasis of the Hero. In Vinciane PIRENNE-DELFORGE, E. SUÁREZ DE LA TORRE (ed.), *Héros et héroïnes dans les mythes et les cultes grecs*, Liège, p. 67-78.
- CANFORA, Luciano. *Júlio César: o ditador democrático*. Trad. de Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CAVALLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo; GIARDINA, Andrea. *O espaço literário da Roma antiga*. Belo Horizonte: Editora Tessitura, 2010.
- CARCOPINO, Jérôme. *A vida cotidiana em Roma*. Lisboa: Editora livros do Brasil Lisboa, s.d.
- CÍCERO, Marco Túlio. *Catão, o velho ou Diálogo sobre a velhice*. Introdução, tradução e notas por Marino Kury. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

- \_\_\_\_\_. *Discussões Tusculanas*. Trad. de Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: Edufu, 2014.
- CICERO. *De Oratore, Book II: De Fato; Paradoxa Stoicorum*. Cambridge: Harvard University Press. The Loeb Classical Library, 2001.
- CICERO. *Letters to Friends*, v. 1 (letters 1-113). Cambridge, Massachusetts/London, Harvard University Press, 2001.
- CICERO. *Letters to Friends*, v. 2 (letters 114-280). Cambridge, Massachusetts/London, Harvard University Press, 2001.
- CICERO. *Letters to Friends*, v. 3 (letters 281-485). Cambridge, Massachusetts/London, Harvard University Press, 2001.
- CICERO. *The letters to his friends*. Vol. III. Cambridge: Harvard University Press. The Loeb Classical Library, 1960.
- CÍCERO. *Sobre a amizade*. Tradução, introdução e notas de João Teodoro D'olim Marote. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2006.
- CÍCERO. *Sobre o destino*. Tradução e notas de José Rodrigues Seabra Filho. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2001.
- CICERÓN. *Cartas I: cartas a Ático (cartas 1-161D)*. Trad. de Miguel Rodríguez-Pantoja Márquez. Madrid: Editorial Gredos, 1996.
- \_\_\_\_\_. *La invención retórica*. Madrid: Editorial Gredos, 1997.
- CICÉRON. *Lettres familières III (livres XII-XVI)*. Paris: Librairie Garnier Frères, sd.
- CONTE, Gian Biagio. *Profilo Storico della Letteratura Latina: dalle origini Allá tarda età imperiale*. Firenze: Le Monnier Università, 2004.
- CORASSIN, Maria Luiza. *Sociedade e Política na Roma antiga*. São Paulo: Editora Atual, 2001.
- FINLEY, Moses I. *Aspectos da Antiguidade*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Política no mundo antigo*. Lisboa: Edições 70, 1997.
- GAERTNER, Jan Felix. *Writing Exile: The Discourse of Displacement in Greco-Roman Antiquity and Beyond*. Leiden – Boston: Brill, 2007.
- HALL, Jon. *Politeness and politics in Cicero's letters*. New York: Oxford University Press, 2009.
- HERRERO DE JAUREGUI, M. *Priam's Catabasis: Traces of the Epic Journey to Hades*. in *Iliad 24*, Transactions of the American Philological Association 141, p. 37-68, 2011.
- Vol. 141, No. 1 (Spring 2011), pp. 37-68
- KELLY, Gordon P. *A history of exile in the Roman republic*. New York: Cambridge University Press, 2006.
- LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de Retórica Literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gunbenkian, 1972.
- SÊNECA, SALÚSTIO. *Tratado sobre a clemência/ A conjuração de Catilina; A guerra de Jugurta*. Traduções de Ingerbor Braren (Sêneca) e de Antônio da Silveira Mendonça (Salústio). Petrópolis: Vozes, 1990.
- SOUSA, Eudoro de. *Catábase: estudos sobre viagens aos infernos na Antiguidade*. São Paulo: Annablume Clássica, 2013.
- SUETÔNIO. *Os doze Césares*. Trad. de João Gaspar Simões. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes, 2007.
- UTCHENKO, S.L. *Cicerón y su tempo*. Traducción de José Fernández Sánchez. Madrid: Ediciones Akal, 2005.
- VALVERDE, Maria de Fátima. *A carta, um gênero ficcional ou funcional*. In: *IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, 2001*. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/43279/1/el%20aleph.pdf>
- VEJA, Pedro Ángel Fernández. *La casa romana*. Madrid: Akal Ediciones, 2003.
- VEYNE, Paul. *A Sociedade Romana*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Pão e Circo: sociologia histórica de um pluralismo político*. Trad. Lineimar Pereira Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, 2014.
- WOOD, Neal. *Cicero's Social and Political thought*. California: Oxford, 1991.

## NOTAS

- 1 *Ad familiares*, XVI, 16.
- 2 *A conjuração de Catilina*, 60, de Salústio, na tradução de Antônio da Silveira Mendonça.
- 3 *Ad familiares*, V, 7.
- 4 *Ad Atticum*, I, 12, 3.
- 5 *Ad Atticum*, I, 13, 3.
- 6 Suetônio, *Os doze Césares*, I, 20.
- 7 *Ad Atticum*, III, 1.
- 8 *Ad Atticum*, V, 15, 1.
- 9 *Ad Atticum*, III, 15, 2.
- 10 *Tusculanae Disputationes*, V, 106. Trad. de Bruno Fregni Bassetto.
- 11 *Eneida*, VIII, 666-669, na tradução de Carlos Alberto Nunes.

## O AUTOR

### Frederico de Sousa Silva

Possui graduação em Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas (2000), especialização em Estudos Literários também pelo Centro Universitário de Patos de Minas (2005), mestrado em Letras (Letras Clássicas – Latim) pela Universidade de São Paulo (2008) e doutorado em Letras (Letras Clássicas – Latim) também pela Universidade de São Paulo (2014). Atualmente desenvolve pesquisas na epistolografia de Cícero e Plínio, o jovem. É professor de Língua e Literatura Latina na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: fredericosousa@ufu.br. Orcid: 0000-0002-8854-9019